

Por trás das palavras

Há hoje um excesso de expressões como ecossistema, ecotecnologia, ecoturismo, ecodesenho, ecologismo, ecofeminismo... crise ecológica, consciência ecológica, vestígio ecológico, política ecológica, fator ecológico... A que nos referimos? O prefixo «eco» vem da raiz grega *oîkos*, que significa casa, lar. Alguns linguistas indicam que *oîkos* não é somente a estrutura física da moradia, mas as relações que se dão no interior da casa e constituem a identidade de uma família. *Logos*, por seu lado, se refere ao estudo, tratado ou argumentação sobre alguma coisa.

Em 1866, Ernst Haeckel, zoólogo alemão, construiu o termo ecologia, tomando como base *oîkos* e *logos* para se referir ao «conjunto de conhecimentos referentes à economia da natureza, a investigação de todas as relações do animal, tanto com seu meio inorgânico como com aqueles animais e plantas com os quais se relaciona hostil ou amistosamente».

Uma «casa» cada vez maior

Essa primeira definição de ecologia colocava a ênfase nas relações e inter-relações dos animais com seu meio ambiente. Desde então, o *oîkos* da ecologia, a «casa» à qual se refere, vem se ampliando nesses três eixos principalmente:

a) O reconhecimento e a vinculação do ser humano na rede de relações dos organismos vivos levou a compreendê-lo como parte ativa da natureza, obrigando ao diálogo entre ciências naturais e ciências sociais.

b) O surgimento de um pensamento inspirado na teoria geral dos sistemas, especialmente no conceito de ecossistemas, para se referir à complexidade e interconexão dos fatores físicos que formam o que chamamos de ambiente, o que introduz na ecologia uma perspectiva de globalidade sistêmica.

c) A globalização planetária: por ser a preocupação pelas relações no meio ambiente dos animais, a ecologia passou a ser atualmente a maneira de abordar as inter-relações de todos os seres vivos nesse *oîkos*

azul, cheio de água, que chamamos de Planeta Terra.

Procurando entender a crise ecológica

São numerosos os esforços de classificação das correntes. Por exemplo, Félix Guattari (2000) apresenta três compreensões de ecologia: a) *Natural*, referente às relações com o meio ambiente; b) *Social*, referente às relações na sociedade; c) *Mental*, referente à subjetividade da pessoa. Leonardo Boff acrescenta mais uma, que denomina ecologia *Integral*, que compreende as três anteriores, desde uma perspectiva de religião, quer dizer, de religação com o Mistério, a Divindade, a fonte da Vida.

Roy H. May (2002) fala de ecologia *convencional*, ecologia *mordômica*, ecologia *social* e ecologia *profunda*, e identifica o ecofeminismo e a ecoteologia como tendências emergentes. A ecologia *convencional* se baseia em critérios tecnológicos e economistas, considerando a natureza em seu valor instrumental, como recurso, como fonte de capital. A ecologia *mordômica* se deriva do imaginário bíblico no qual há um Deus que delega a administração do *oîkos* no ser humano. A ecologia *social* se fundamenta na justiça e integra os problemas sociais, econômicos e políticos à crise do meio ambiente biofísico. A ecologia *profunda* critica os valores da modernidade e aposta em um biocentrismo, isto é, em um igualitarismo na valorização de toda forma de vida. Por sua parte, a integração das preocupações ecológicas com o movimento feminista e a teologia da libertação derivam do surgimento do ecofeminismo e da ecoteologia latino-americana.

Tal diversidade de compreensões da ecologia obedece a um sem-número de explicações da crise que faz frente à humanidade e a todas as formas de vida no Planeta. Na medida em que se identificam causas cada vez mais profundas aparecem dimensões e traços dessa «nova» ecologia. Assim, à explicação técnica e econômica corresponde uma ecologia que enfatiza as soluções tecnológicas. Uma ecologia social se movimenta mais na ordem da crítica às estruturas sociais e no tipo de civilização. Uma ecologia profunda assume o tema dos valores, dando acolhida a perspectivas

éticas, morais, espirituais e religiosas. Nota-se uma passagem do que se poderia denominar uma ecologia exterior para uma ecologia interior.

Da ecologia ciência para a ecologia paradigma

Desta maneira é possível afirmar que a ecologia é ciência, mas ao mesmo tempo é compreendida hoje em dia como paradigma, enfoque, conjunto de pressupostos filosóficos que oferece um olhar e uma maneira de compreender e interpretar a realidade.

Em perspectiva de ciência, a ecologia contribui para interpretar a realidade, para responder à pergunta sobre o que está sucedendo e explicar por que passa e pelo que passa. Contudo, embora ainda em seu sentido mais restrito e aplicado às ciências naturais, a dita interpretação da realidade se dá por intermédio da quantificação e da experimentação próprias das ciências empírico-analíticas em diálogo com as ciências sociais. Nesse contexto, vale recalcar que a ecologia é a interpretação e que até em termos estatísticos não há uma única palavra, trata-se de um conhecimento em movimento, relativo e dependente como toda ciência, dos acordos intersubjetivos.

Os profissionais especializados em ecologia prestam um grande serviço à humanidade, tratando de explicar a estrutura, a dinâmica e o funcionamento dos ecossistemas. Outras pessoas e grupos fazem uso desses dados científicos para construir novos conhecimentos que possibilitem a sustentabilidade da vida no Planeta. É aí de onde se nutrem os movimentos ecologistas (mais ligados à conservação e à preservação da natureza) e os movimentos ambientalistas (mais próximos do debate sobre os modelos de desenvolvimento e seus componentes econômicos, políticos e culturais).

Outra coisa é falar da ecologia como grande paradigma, o *Paradigma Ecológico*, pois se refere a *um enfoque para compreender a vida*. Nesse sentido, se entende a proposta de Edgar Morin (2001) de *ecologizar o pensamento*, e a contribuição de Gregory Bateson (1985), a respeito de cultivar uma *ecologia da mente*.

Durante o III Foro Mundial de Teologia e Libertação, «água, terra, teologia para outro mundo possível», celebrado em Belém (Brasil, 2009), a tendência foi a de optar pela ecologia Integral e já considerá-la não tanto como uma ciência isolada, mas como um

grande paradigma para compreender as dinâmicas e as relações da vida.

Em resumo, a ecologia não se esgota no estudo das relações com esse outro, não humano, que constitui o meio ambiente biofísico e que comumente se denominou natureza, mas que mistura as dinâmicas culturais (sociais, econômicas, políticas, religiosas), seus imaginários subjacentes, as racionalidades que as sustentam e, em geral, o cúmulo de representações mentais que descrevem as cosmovisões, as relações consigo mesmo, com os outros, com o outro e com Deus (ou a imagem que se tenha de transcendência e de sentido da vida).

O paradigma ecológico emergente reconhece que a natureza é sujeito, é *alguém* (Mãe Terra, Irmã Terra, Gaia, etc.) e que os seres humanos formam parte dela. Além disso, a aproximação supera a ideia de conceber o que existe como «recurso natural» para dar acolhida ao valor intrínseco como Criação e, portanto, estabelecer contato com o Deus Criador. Nesse âmbito aparece a contribuição da Ecoteologia, um sentir-pensar-agir sobre a relação de Deus com sua Criação.

Mas tanto a ecologia como a ecoteologia são insuficientes para interpretar a crise e descobrir um jeito que possibilite algum tipo de solução no marco de outro mundo possível. Por essa razão, o *paradigma ecológico* deve gestar-se a partir de um Eco-Sofia, que quer dizer: uma sabedoria (*sofia*) que permita conhecer e compreender os ritmos do *oïkos* e, assim, facilitar a convivência nesta casa. Uma sabedoria de construir unidade a partir da diversidade da vida, para que a vida perdure.

Tal ecosofia conserva redutos nas tradições indígenas ancestrais, nas cosmovisões orientais e se vislumbra nos estilos de vida que surgem dos grandes mestres espirituais. Por isso, a mística baseada na austeridade e a não violência, a solenidade e o serviço, o cuidado e a compaixão, se constitui como pilar para buscar confluências e estabelecer plataformas de uma autêntica ética ecológica.

Em síntese: a «ecologia» expressa muitas das buscas contemporâneas existenciais, se manifesta em uma grande variedade de correntes e se constituiu, hoje em dia, em todo um novo paradigma.

Uma consciência ecológica *radical* nos levará às *raízes*, ajudando-nos a construir uma maneira nova de inter-relacionamento com tudo.